

A HIPOSSEGMENTAÇÃO DAS PALAVRAS NA ESCRITA INICIAL DE CRIANÇAS

SIMONE SILVEIRA DA SILVA¹; ALESSANDRA DUARTE MATOSO²; ANA RUTH MORESCO MIRANDA³

¹Universidade Federal de Pelotas - simonesilveira.s16@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – alee_matoso@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas - anaruthmmiranda@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

À luz da Teoria Psicogenética (FERREIRO e TEBEROSKY, 1984) entendemos que, mesmo antes de alfabetizadas, as crianças se utilizam de diferentes hipóteses para a grafia de suas primeiras palavras. Porém é no momento da alfabetização que os aprendizes precisam efetivamente reconhecer as particularidades do nosso sistema de escrita, quando se deparam com a necessidade de dividir a pauta sonora em partes menores, identificando assim o que é uma palavra. Deste modo alguns autores afirmam que os aprendizes testam diferentes possibilidades para delimitar o que seria uma palavra escrita. Segundo FERREIRO e PONTECORVO (1996), é mais fácil para a criança nesse primeiro momento reconhecer como palavra os substantivos, adjetivos e verbos, enquanto aquelas estruturas compostas por duas ou três letras – como os pronomes, preposições e artigos, classificadas como clíticos (cf Bisol. 2000) por não constituírem pé métrico e não portarem acento – são vistas como não palavras. Observamos aí uma influência tanto da fala quanto da escrita, para os critérios de escolha. A hipótese do número mínimo, descrita por FERREIRO e TEBEROSKY (1984), segundo a qual a criança considera impossível ler uma estrutura com menos de três ou quatro letras, seria um dos fatores que levaria o aprendiz a não reconhecer os clíticos (*me, te, se, lhe, no, na, do, da*, por exemplo) como palavras.

O objetivo deste estudo é analisar os processos de segmentação não convencional de palavras encontrados nas escritas espontâneas de crianças em processo de alfabetização, tomando os erros como elemento construtivo, como indicativos da forma como elas mobilizam os conhecimentos linguísticos internalizados. Nossa atenção se volta para os processos de hipossegmentação, fenômeno que tem por característica a ausência de espaço entre uma palavra e outra e, de acordo com CUNHA (2009), ocorrem quando as crianças juntam determinadas estruturas como os clíticos à palavra lexical mais próxima, o que pode se observar em grafias como ‘onome’ para ‘o nome’. Tais processos, de acordo com estudos como o de FERREIRO e PONTECORVO (1996), são mais frequentes que aqueles de hipersegmentação, pelo fato de as crianças, no estágio inicial de aquisição da escrita, “entenderem a palavra como um enunciado” (CUNHA, 2009).

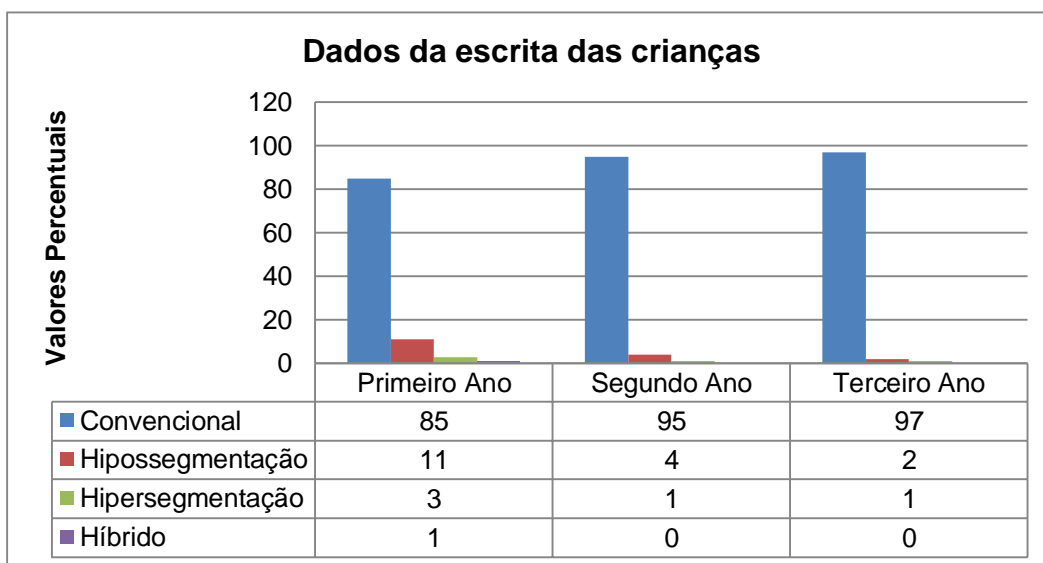
2. METODOLOGIA

O presente trabalho parte da análise de textos produzidos por crianças do 1º ao 3º ano do ensino fundamental, de uma escola municipal da cidade de Pelotas/RS. Os textos foram produzidos em oficinas de escrita espontânea realizadas nos anos de 2013, 2014 e 2015, pelo Grupo de Estudos sobre a Aquisição da Linguagem Escrita (GEALE), da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e fazem parte do Banco de Textos de Aquisição da Linguagem Escrita

(BATALE). Foram analisados 630 textos, nos quais identificamos os processos de hipossegmentação de palavras, identificando as estratégias utilizadas pelos aprendizes no momento da grafia das mesmas. Para tanto, foram montadas tabelas nas quais foram analisadas as variáveis ano de escolarização e tipo de palavra, categoria que foi subdividida em outras duas: palavra fonológica e palavra gramatical, sendo considerado palavra fonológica toda aquela que possui um acento prosódico. Da categorização tipo de palavra, obtivemos quatro possíveis combinações: palavra gramatical + palavra fonológica; palavra fonológica + palavra gramatical; palavra gramatical + palavra gramatical e palavra fonológica + palavra fonológica. A variável ano de escolarização serviu para evidenciar o efeito da evolução no nível de conhecimentos dos aprendizes e a variável tipo de palavra para analisar os processos envolvidos na estruturação das palavras gráficas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram analisadas 15.058 palavras em 630 textos, quando a variável foi o ano de escolarização, os resultados mostraram que, à medida que a escolaridade avança, há uma diminuição no número de processos de hipossegmentação, talvez em função do reconhecimento de estruturas menores de nossa língua como os artigos (o, a, os, as) e pronomes (me, te, se, etc.).



O gráfico recém apresentado demonstra que no 1º ano, de um total de 1.104 palavras grafadas, 936 o foram de forma convencional, 124 sofreram processo de hipossegmentação, 32 sofreram hipersegmentação e 12 foram consideradas grafias de híbridos, casos em que a criança hipossegmenta e depois hipersegmenta a palavra, como na grafia de “levarianopa que” para “levaria no parque”. No segundo ano das 4548 palavras grafadas, 4304 o foram de forma convencional, 171 sofreram hipossegmentação, 58 hipersegmentação e 15 foram consideradas grafias de híbridos. E no terceiro ano das 9406 palavras grafadas, 9120 o foram de forma convencional, 175 sofreram hipossegmentação, 93 hipersegmentação e 18 foram considerados grafias de híbridos.

No texto abaixo podemos observar alguns casos de segmentação não convencional de palavra.

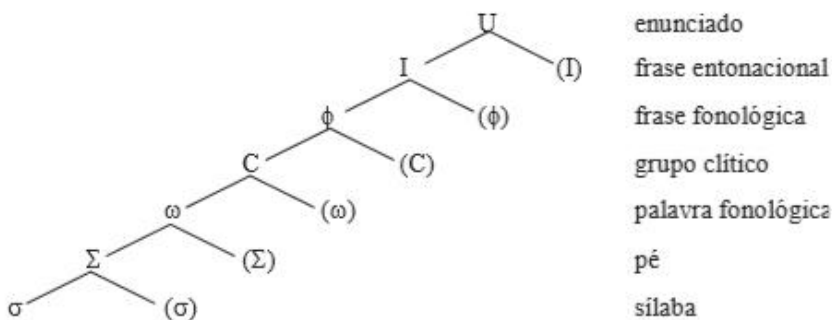
ERAUMA VES UMG CAXORO BEPIQINININO
 AUAUUAU {desenho}
 DI UMG GADO UGADO ERANEVO ZO
 {desenho}
 DE POSIO CAXORO CE
 CASA DO RADO ORADO ERAMIGO
 DO CAXORO E OGADO NÃO GOSILI
 O GADO

Fonte: acervo do BATALE/2013

Pôde-se observar também, que assim como em CUNHA (2010), a maior parte dos dados computados envolvem processos de hipossegmentação de um clítico e uma palavra fonológica, totalizando 264 casos ou 56,2%, como na grafia de ‘ugado’ para “o gato” e a hipossegmentação de duas palavras fonológicas, com um total de 135 ocorrências ou 28,7%, o que pode se observar na grafia de “bepiqininino” para “bem pequenininho”. Tomando-se aqui palavra fonológica como toda a estrutura candidata a acento prosódico.

Segundo FERREIRO e TEBEROSKY (1984) “a exigência da quantidade mínima que desempenha um papel decisivo na evolução pré alfabética da escrita continua vigente no inicio da escrita alfabética” (FERREIRO, 2013). O que pode explicar os processos em que o clítico se junta à palavra fonológica mais próxima como se fosse uma sílaba, a qual se assemelha pelo tamanho e falta de significado lexical.

Quanto aos processos que envolvem a junção de duas palavras fonológicas, através da análise dos dados levantados, podemos observar a influencia de elementos mais altos da hierarquia prosódica como frase fonológica, frase entonacional e enunciado, como proposto por NESPOR e VOGEL (1994) e formalizado por BISOL (1996), conforme esquema abaixo.



Quando analisamos a junção de uma palavra gramatical a uma palavra fonológica observamos a formação de um grupo clítico, o que vemos na grafia de “nacasa” para “na casa”, por exemplo. E ainda quando se juntam duas palavras fonológicas o resultado é uma frase fonológica, como na escrita de “adoreimuito” para “adorei muito”.

Hipossegmentações envolvendo uma palavra fonológica e uma palavra gramatical como em “cuidodos” para “cuido dos” ou de duas palavras gramaticais como nas escritas de “duqui” para “do que” tiveram uma menor frequência. De um

total de 470 casos computados, 42 envolvia a hipossegmentação de uma palavra fonológica e uma palavra gramatical e 29 a de duas palavras gramaticais, totalizando respectivamente 9% e 6,1% do total dos processos de hipossegmentação computados.

4. CONCLUSÕES

Por meio da análise dos dados podemos observar o quão complexo é para a criança definir o que é uma palavra, já que antes do ingresso na escola esta definição não se faz necessária. Observamos também que a participação do aprendiz no processo de aquisição da escrita se faz de forma ativa, à medida que testa sistematicamente os conhecimentos que vai adquirindo. Concluímos que a hipossegmentação que observamos ser mais frequente no primeiro ano justifica-se pela referência da pauta sonora, que se apresenta para o aprendiz como um contínuo, porém à medida que vão sendo aprofundados os conhecimentos verifica-se a mudança das estratégias utilizadas pelas crianças.

O presente trabalho presta-se apenas a uma análise inicial dos processos de hipossegmentação, e a influência da prosódia em tais ocorrências deverá ser tema de um trabalho futuro, a fim de que dados pertencentes a estratos mais atuais do BATALE possam ser confrontados com aqueles estudados por CUNHA (2004), os quais fazem referência ao primeiro estrato de dados coletados entre os anos de 2001 e 2004.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BISOL, L. (Org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.
- BISOL, L. O clítico e seu status prosódico. **Revista de Estudos de Linguagem**, Belo Horizonte v.9, n.1, p.5-30, 2000.
- CUNHA, Ana Paula Nobre da. **A hipo e a hipersegmentação nos dados de aquisição da escrita: um estudo sobre a influência da prosódia**, 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.
- CUNHA, A. P. N.; MIRANDA, A. R. M. A hipo e a hipersegmentação nos dados de aquisição de escrita: a influência da prosódia. **Alfa Revista de Linguística**, São Paulo v. 53, n. 1, p.127-148, 2009.
- CUNHA, A. P. N. 2010. **As segmentações não-convencionais da escrita inicial: uma discussão sobre o ritmo linguístico do português brasileiro e europeu**. Tese de Doutorado. UFPel, Pelotas. Inédita
- FERREIRO, E.; TEBEROSKY A. **Psicogênese da língua escrita**. Tradução de Diana Myriam Lichtenstein, Liana di Marco e Nestor Jerusalinsky Porto Alegre: ARTMED, 1999.
- FERREIRO, E.; PONTECORVO, C. Os limites entre as palavras. A segmentação em palavras gráficas. In: FERREIRO, E.; PONTECORVO, C.; MOREIRA, N. R.; HIDALGO, I. G. **Chapeuzinho Vermelho aprende a escrever: estudos psicolinguísticos comparativos em três línguas**. São Paulo: Ática, 1996. p.38-77.
- NESPOR, M.; VOGEL, I. **La prosodia**. Madrid: Visor Distribuciones, 1994 [1986].
- FERREIRO, E. **O ingresso na escrita e nas culturas do escrito: seleção de textos de pesquisa**. São Paulo Ed.: Cortez, 2013.